



A Marcha da Maconha: Jornalismo em Quadrinhos

Marcelo LIMA¹
Hortência NEPOMUCENO²
Marcel AYRES³
José Benjamim PICADO⁴

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

RESUMO

A reportagem em quadrinhos *A Marcha da Maconha* é o relato da experiência de dois jornalistas presentes no evento dae manifestação. A marcha foi proibida, mas houve protestos em prol da democracia. Os repórteres entrevistaram os militantes, além de registrarem os momentos através de fotos. Através desse material, transcriaram a reportagem para os quadrinhos, mostrando que a simbiose entre jornalismo e a nona arte é possível: não se perde o cunho informativo jornalístico, nem a artisticidade dos quadrinhos. Essa junção funcionou como atrativo para leitores, e permitiu uma exploração sensível das personagens e fatos envolvidos nas situações narradas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, história em quadrinhos, marcha da maconha, jornalismo em quadrinhos, jornalismo cultural.

INTRODUÇÃO

A História em Quadrinhos jornalística *A Marcha da Maconha* foi lançada na sexta edição da revista *Fraude*, produto desenvolvido pelo grupo PETCOM – Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação da UFBA. A *Fraude* se caracteriza pelas reportagens de jornalismo cultural, prática de influência cada vez mais esparsa no Brasil. Segundo Daniel Piza, no livro *Jornalismo Cultural* (2003):

Depois da geração *fin-de-siècle* de Machado de Assis e José Veríssimo, os jornais e as revistas vão dar mais espaço ao crítico profissional e informativo, que não só analisa as obras importantes e cada lançamento, mas também reflete sobre a cena literária e cultural. (PIZA, 2003. p. 32).

¹ Aluno líder do grupo, graduando do quarto semestre em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal da Bahia, pesquisador do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CuS) do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura da Universidade Federal da Bahia (CULT), bolsista PETCOM-UFBA e quadrinista. marcelocaterpillar@gmail.com

² Graduando do oitavo semestre em Comunicação Social – Produção em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

³ Graduando do quarto semestre em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal da Bahia, pesquisador do grupo de pesquisa em análise de fotografia (GRAFO) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (PPGCCC) e bolsista PETCOM-UFBA. marcel.ayres@gmail.com

⁴ PhD em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP (1998), desenvolve pesquisas e orientação de graduação e pós-graduação na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, orientador do trabalho.



As revistas de jornalismo cultural trazem diversos tipos de textos como crônicas, resenhas, críticas e também trabalhos artísticos tais quais contos e poesias. Essa diversidade de gêneros e práticas mostra o quanto arte e informação estão entrelaçadas. Basta recordar do *New Journalism*, que se valeu das técnicas do jornalismo literário e “marcou época, instigou corações e mentes a produzir reportagens de profundidade caracterizadas pelo intenso mergulho do repórter na realidade” (LIMA, 2003).

Foi considerando a potencialização do jornalismo através do diálogo entre arte e informação que a equipe *Fraude* inaugurou em 2008 a editoria Imaginando. As reportagens presentes nessa editoria possuem linguagem experimental e artística, procurando inovar em suas abordagens. A inserção de quadrinhos nessa editoria veio da inspiração em obras consideradas Jornalismo em Quadrinhos, como *Maus*, *Gen – Pés Descalços*, *Palestina e Área de Segurança – Gorazde*⁵, *Pyongyang - Uma Viagem à Coreia do Norte*, dentre outras obras. Essas obras relatam dramas humanos, através de temas sociais importantes que aparecem nos noticiários e nos jornais freqüentemente, porém sem o aprofundamento autobiográfico do relato oferecido por esses artistas. Por essa razão, escolhemos um tema social de destaque que pouco é aprofundado pelas mídias massivas para, de forma análoga a Joe Sacco, “dar visibilidade aos árabes invisíveis” (ARBEX, 2004). Ou seja, deixar que os militantes a favor da legalização da maconha falem sobre suas razões de militância.

OBJETIVO

A reportagem em quadrinhos *A Marcha da Maconha* tem como principal objetivo experimentar o uso de narrativas quadrinhísticas na elaboração de reportagens literárias de caráter descritivo e autoral. Dessa maneira, a proposta da reportagem era de discutir assuntos relacionados a políticas públicas e mobilizações sociais em torno de temas polêmicos, como o caso da liberalização da maconha. O quadrinho busca relatar experiências vividas pelos repórteres durante a marcha realizada na cidade de Salvador e marcada para acontecer no dia 04 de maio de 2008, em mais de 200 cidades no mundo.

JUSTIFICATIVA

Para produzir o quadrinho jornalístico *A Marcha da Maconha*, levou-se em conta de que forma o jornalismo literário se entrelaça com as narrativas quadrinísticas e como diversos autores contemporâneos utilizam a imagem e o texto para relatar, através de quadros seqüenciais, temas não ficcionais.

⁵ Palestina e Área de Segurança – Gorazde são álbuns de Joe Sacco, primeiro autor a considerar suas obras como jornalismo em quadrinhos.

Segundo Barthes, em "Análise estrutural da Narrativa", existem inúmeras maneiras de se construir uma narrativa:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda (...) na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. Além disso, sob essas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades... internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida. (BARTHES, 1972:p.19-20)

No quadrim, está intrínseca a relação de pelo menos duas linguagens – a textual e a icônica⁶. Essa junção simbiótica torna a leitura dos quadrinhos bastante complexa e constitui uma nova linguagem. Segundo Antonio Lara:

“El proceso mental de la lectura de los tebeos es absolutamente diferente al de la interpretación de las imágenes, de acuerdo con la naturaleza distinta de ambos lenguajes. Coinciden los dos, evidentemente, em su calidad comunicativa – característica esencial de todo lenguaje –, pero difieren en todo lo demás. El lenguaje literario está basado em la lenguaje verbal, y es el resultado de la decantación – con un propósito artístico – de este lenguaje verbal, el más usado de los lenguajes posibles, y también el más perfecto, el más preciso. El lenguaje icónico es, por el contrario, muy poco sistemático, y su riqueza comunicativa es bastante equívoca, porque radica, principalmente, en mostrar, o sea en presentar la cosa, el objeto o la persona de forma que exige del lector un esfuerzo de interpretación que dependerá de su carácter, cultura y capacidad de atención(...)De esta interacción dialéctica resulta un lenguaje nuevo(...)” (LARA, 1971, p. 15-16)

A linguagem dos quadrinhos se pauta por uma série de técnicas próprias. No livro *Système de la Bande Dessinée* (1999), Thierry Groensteen resalta que o sistema das histórias em quadrinhos é constituído por unidades compostas por signos visuais que estão articulados entre si tanto na dimensão espacial quanto na dimensão temporal. A vinheta está fragmentada e presa ao sistema de proliferação de sentidos com o objetivo de construir um determinado enunciado. Segundo Scott McCloud, no livro *Desvendando os Quadrinhos* (2003), os quadros fragmentam o tempo e o espaço, oferecendo ao leitor um ritmo recortado de momentos dissociados. O desdobramento das imagens quadrinísticas se dá através da conclusão, que nos permite conectar as elipses entre os quadros e completar mentalmente uma realidade contínua e unificada (MCLOUD, 2005). Outra característica dos quadrinhos é a presença de balões de fala estruturando o tempo narrativo (FRESNAULT-DERUELLE, 1972, pp. 30-39), como apropriação de técnicas literárias e, principalmente, da linguagem cinematográfica (ver CIRNE, 1972, pp. 9-71). Esse conjunto

⁶ McCloud (2005, p. 27) refere-se a ícone como qualquer imagem que represente uma pessoa, local, coisa ou idéia.

de técnicas criativas aproximam o jornalismo em quadrinhos do conceito de “New Journalism”.

No livro “New Journalism – o jornalismo como criação literária” (2003), Edvaldo Pereira Lima define jornalismo literário, também chamado de literatura da realidade e de literatura criativa de não ficção, como a incorporação de recursos e técnicas de captação e redação provenientes da literatura. É um jornalismo narrativo, que busca expressar a realidade contando histórias centradas nas pessoas que participaram dos acontecimentos. Segundo Lima, espera-se um narrador que dê voz e estilo na condução do texto.

Apesar de não ser comum na prática jornalística brasileira, o jornalismo literário ainda é praticado na academia e em alguns livros-reportagem. Hoje, no campo jornalístico, existe uma grande influência da televisão que pressiona os meios impressos a participarem da lógica do *fast-thinking*, da urgência na divulgação dos conteúdos noticiosos e do furo jornalístico. (BOURDIEU, 1997). Nesse contexto, o jornalismo literário emerge como uma forma diferenciada de tratar um tema ou acontecimento, saindo do padrão repetitivo dos grandes media de massa.

Os quadrinhos, por sua vez, apresentam uma relação antiga com os jornais. Antes mesmo do uso de fotografias na composição de narrativas jornalísticas, as ilustrações, caricaturas e tirinhas já faziam parte dos periódicos do final do século XIX e início do século XX. O jornalismo feito em quadrinhos, surge como uma possibilidade de unir arte e comunicação em um modelo híbrido e experimental de se reportar uma notícia.

Quando o assunto é jornalismo em quadrinhos, a principal referência é o jornalista maltês, Joe Sacco. Criador de obras como *Palestina: uma nação ocupada*, *Palestina, na faixa de Gaza*, *Gorazde* entre outras, seus quadrinhos se caracterizam pela utilização de uma linguagem literária e descritiva para relatar experiências vividas em campos de guerra. A arte sequencial de Sacco - narrativa gráfico-visual -, utiliza imagens icônicas para construir discursos sobre um viés mais pessoal. O tratamento dado aos temas abordados pelo jornalista-quadrinhista, vão além da estrutura de lead, um padrão comum no campo jornalístico.

Moacy Cirne, no artigo "Pensando um quadrinho-documentário", irá discorrer sobre as dificuldades em torno da construção de um "quadrinho-verdade".

“Decerto, há o caso de um quadrinho que se pretende jornalístico, no campo do quadrinho-reportagem, cujo maior exemplo, hoje, é Joe Sacco. Sem dúvida, uma obra como *Palestina – Uma nação ocupada*, por exemplo, deve ser saudada por seus inegáveis méritos quadrinhísticos e mesmo jornalísticos. O prefácio de José Arbex para a edição brasileira, neste sentido, é revelador: o que parecia impossível, não o é. De qualquer maneira, não é uma questão fácil. Muito ao contrário. Há, antes de mais nada, um



problema formal. O texto jornalístico aspira à ‘objetividade’ – isto é, ao relato isento dos fatos –, mesmo sabendo, de antemão, que fracassará em seu intento (não existe ‘objetividade’ pura, independente do narrador, já que o sujeito da enunciação do discurso sempre deixará sua marca: mesmo a demonstração de um teorema matemático, completamente impessoal, será marcada pelo estilo do matemático”. (Cirne, 2002. p. 09)

Essas dificuldades referenciadas por Cirne, em verdade, contribuem para validar o relato quadrinhístico. Não prezando pela idealizada objetividade, deixa revelar diferentes pontos de vista parciais dos fatos narrados. “Cada ângulo visual sobre o mundo implica uma visão ideológica” (CIRNE, 1971, p.36) e proporciona maior diversidade expressiva. McCloud, em seu *Reinventando os Quadrinhos* (2005), fala sobre a importância de incluir diferentes anseios de minorias sociais nos quadrinhos como uma maneira de fortalecer e ampliar as possibilidades expressivas da ficção.

Por essa razão foi escolhida a marcha da maconha como tema, por representar um grupo específico que deseja ter suas questões discutidas pelo poder oficial e é ignorado por diversos veículos de mídia. Quando se conversam questões relativas à maconha fala-se muito sobre saúde e violência e pouco sobre a condição dos usuários, que possuem “técnicas de si” para cuidar de sua saúde⁷ sem deixar de usufruírem dos prazeres provenientes das propriedades químicas e físicas da droga e da socialidade permitida pelos grupos de uso coletivo. Como informa o blog do movimento⁸, para este ano seu objetivo é:

Criar espaços onde indivíduos e instituições interessadas em debater a questão possam se articular e dialogar; Estimular reformas nas Leis e Políticas Públicas sobre a maconha e seus diversos usos; Ajudar a criar contextos sociais, políticos e culturais onde todos os cidadãos brasileiros possam se manifestar de forma livre e democrática a respeito das políticas e leis sobre drogas; Exigir formas de elaboração e aplicação dessas políticas e leis que sejam mais transparente, justas, eficazes e pragmáticas, respeitando a cidadania e os Direitos Humanos.

A posição do coletivo marcha da maconha inclui tanto usuários quanto não-usuários da maconha, pois se propõe a discutir a presença da droga na sociedade, que alcança todos os grupos sociais. Esse debate não pode ser ignorado.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os repórteres foram a campo e passaram todo o dia 04 de maio com os militantes. Antes de se identificarem como jornalistas, caminharam como transeuntes desinteressados, o que proporcionou que escutassem comentários espontâneos sobre a marcha, feitos por pessoas que passeavam na praça. Após identificação, foram realizadas entrevistas e tiradas fotos, para registro que auxiliasse na composição dos personagens pelo artista plástico

⁷ Ver MACRAE em: http://www.neip.info/downloads/t_edw4.pdf

⁸ <http://www.marchadamaconha.org/>



gaúcho Fabiano Gummo. A coleta de material, no dia, envolveu ida à Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes, onde os militantes presos ficaram detidos. Ao todo, a atividade durou cerca de oito horas de caminhada, entrevistas e fotografias.

Antes do dia 04, a equipe de reportagem entrevistou Sérgio Vidal, organizador da marcha, e entrou em contato com a polícia militar, para saber qual seria sua atuação no dia. Foram realizadas leituras sobre o evento, no blog oficial dele⁹ e nos jornais locais A Tarde¹⁰ e Correio da Bahia¹¹.

Após a coleta de dados e participação no evento, passou-se à confecção do argumento e, posteriormente, do roteiro. Na confecção de um roteiro de quadrinhos embasado em uma reportagem, o jornalista segue “um trajeto banhado de traduções e de transcrições de uma ou mais linguagens (sonoras e visuais, além da verbal) para a linguagem jornalística” (GUIRADO, 2004, p.09). Se o jornalismo convencional depende “essencialmente, da habilidade de elaborar frases e parágrafos e saber a melhor sequência para eles” (GUIRADO, 2004, p. 09), o jornalismo em quadrinhos depende da diagramação das páginas, uso de figuras de linguagem, do traço, do trabalho de claro-escuro, da criação de uma narrativa, dentre outras habilidades. Por isso, em algumas passagens do roteiro se fez referência a trabalho de autores renomados das HQs, como Will Eisner e Joe Sacco.

Na representação dos personagens militantes foi preocupante fazê-los com alguns traços estereotipados, mas tentando distanciá-los da imagem marginalizada do usuário de maconha. Assim, tentamos, ao falar de uma parcela abjeta da sociedade, aproximar este dilema do resto da sociedade. Seguimos as orientações de Alan Moore, ao falar de um denominador humano básico. Em seu ensaio *Como escrever estórias em quadrinhos* (1988), Moore diz que:

“Se você está lendo isso, há uma boa chance que você seja um ser humano. Há também uma boa chance que, não importa o quão único e especial você seja ou pense que é, existem certos mecanismos básicos que você compartilha com membros conservadores do parlamento inglês, mineradores de Yorkshire, lésbicas radicais e policiais” (1988, p. 10)

Portanto, tentamos universalizar o quanto podíamos os personagens envolvidos na narrativa, para que não fossem vinculados a um gueto, quando sabemos que indivíduos das diversas classes sociais fazem uso da maconha.

⁹ <http://www.maconhanaroda.blogspot.com/>

¹⁰ <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf;jsessionid=192CF422990B1BF39DAA55679878FA0D.jbosstosh1?id=875425> e <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=875027>

¹¹ O jornal Correio da Bahia mudou de nome, recentemente, para Correio*

Após o término da HQ, ela foi apresentada à equipe da revista *Fraude*, que indicou algumas alterações de revisão e, por fim, sofreu os últimos toques da equipe de diagramação da revista.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O quadrim jornalístico *A Marcha da Maconha* possui quatro páginas e centra-se no conflito entre policiais e militantes no dia 04 de maio de 2008, data em que a marcha em prol da maconha estava marcada para acontecer em todo mundo.

A primeira página serve para situar os leitores e compor um preâmbulo do conflito a ser narrado. Inicialmente os autores são apresentados visualmente, reforçando a presença pessoal do repórter na história. Um texto introdutório apresenta detalhes sobre a marcha em outras cidades do país, até recortar a história para Salvador. Faltando poucos dias para que acontecesse, ela foi proibida pela juíza Rosemunda Barreto, nas vésperas do feriado de primeiro de maio. Ela acatou a liminar vinda do Ministério Público, que vetava a marcha porque comentários no blog dos organizadores convocava os militantes a levarem drogas para usar durante a manifestação. Dessa forma, os organizadores da marcha foram pegos desprevenidos e, devido à ameaça de prisão, não puderam comparecer ao domingo nem mesmo para reclamar a injustiça cometida. Os quadros da parte inferior da página reproduzem conversas entre a repórter Hortência Nepomuceno e um dos principais organizadores, Sérgio Vidal, que a explicou sobre o caráter pacífico da movimentação, onde não seria permitido fumar maconha ou usar qualquer outro tipo de droga. Por causa da proibição em cima da hora, ele ficou sem ter como cancelar completamente a Marcha.

Na segunda página temos uma referência ao mestre dos quadrinhos, Will Eisner¹². A página é construída em duas colunas que devem ser lidas de forma vertical, embora haja possibilidade de lê-las horizontalmente. A coluna da esquerda apresenta os militantes, que chegaram para fazer uma marcha pela democracia, ao invés de marcha da maconha. Eles se apoiavam no Art. 5º, Inciso XVI da Constituição, que declara que:

“Todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente; (CONSTITUIÇÃO, 1988)

A marcha atendia a todas essas medidas, inclusive aviso prévio a polícia. Por isso, os militantes estavam se sentindo injustiçados e cobravam democracia. Na coluna da

¹² Ver a história “Two Lives”, publicada originalmente em 12 de dezembro de 1948. Ela pode ser encontrada traduzida nos livros: *Narrativas Gráficas* e *Quadrinhos & Arte Sequencial*.

direita, os policiais conversam sobre a ação que tomariam. O diálogo entre eles tenta mostrar que a força policial estava seguindo ordens opressoras diante de um grupo de militantes que se organizava pacificamente. Mesmo sem entender bem o porquê das ordens, estavam dispostos a prender quem fosse necessário para silenciar a manifestação. O último quadro retrata o início da ação policial.

A terceira página desenvolve o conflito entre polícia e militantes, utilizando-se de diversos quadros mudos, até o ponto em que um rapaz chamado Helder foi preso e diante de câmeras fotográficas e de vídeo fez um discurso ardoroso sobre seu papel como militante. Esse momento foi reproduzido num quadro retangular que ocupa uma boa extensão do fim da página e divide-se em vários balões de fala, vários discursos do personagem. É uma maneira de dar voz aos militantes oprimidos.

A última página se concentra em, inicialmente, mostrar a reação dos militantes à ação policial: cerca de três deles foram levados presos por motivos triviais como o uso de trajes verdes, mesmo sem clara referência ao símbolo da *cannabis*. Os policiais colocaram todos os militantes reunidos contra uma das cercas da Praça Dois de Julho e 'conversaram' sobre o 'erro' dos que ali estavam. Ao tentar argumentar, um jovem foi levado preso e uma discussão breve, mas intensa, aconteceu. Nesse momento de tensão, nos apropriamos das idéias contidas em algumas páginas de Joe Sacco. O autor maltês costuma 'entortar' os recordatórios e balões de fala em momentos de discussão, alterando o tamanho da fonte do texto, para representar alterações de volume nas gritarias, e inserindo reticências e exclamações que funcionam como interrupções de uma fala na outra, através de frases imperativas. O penúltimo quadro lança uma questão: se o movimento fosse a marcha do aborto, ela seria proibida? É uma maneira de o militante perguntar o quanto sua atitude é levada a sério diante de outras questões. O último quadro informa o leitor de que essa não será a última tentativa de realização da marcha da maconha em Salvador.

CONSIDERAÇÕES

Além de trazer uma abordagem diferente para a editoria *Imaginando* da revista *Fraude*, a produção da reportagem em quadrinhos *A Marcha da Maconha* possibilitou discussões por partes dos alunos envolvidos, que se interessam particularmente pela nona arte tanto teoricamente quanto em sua prática. A criação do roteiro envolveu a busca de informações teóricas em manuais de roteiros, livros de análise de recursos visuais em quadrinhos e leitura das obras de jornalismo em quadrinhos citadas neste artigo.



Os repórteres conseguiram, como discutido acima, dar visibilidade ao movimento da marcha da maconha. Ao invés de tratar o assunto com a distância da maioria das grandes mídias soteropolitanas, a revista *Fraude* se aproximou dos militantes dando-lhes voz e visibilidade. A aproximação, vale lembrar, é um traço que compõe boa parte das HQs jornalísticas. Numa discussão que deverá esquentar mais nos próximos anos, a legalização ou não da maconha, é bom que os jornalistas se posicionem e levem suas opiniões para confronto na sociedade.

Portanto, os envolvidos consideram que os objetivos esperados pela criação da reportagem em quadrinhos *A Marcha da Maconha* foram alcançados: ela trouxe uma abordagem diferente para a editoria *Imaginando*, serviu para dar voz a um grupo minoritário e para colocar os estudantes em contato com esse processo de produção de reportagem, comprovando que quadrinhos e jornalismo não estão distantes no papel de transmitir informações de qualidade para o público-leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, José. **Prefácio de Palestina – Nação Ocupada** IN: Palestina – Nação Ocupada. São Paulo, Editora Conrad, 2004.

CONSTITUIÇÃO, 1988. BRASIL. Art. 5º, Inciso XVI

CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos**. Petrópolis, Vozes, 1972.

_____. **Pensando um quadrinho-documentário**. Trabalho apresentado no NP16 Núcleo de Pesquisa História em Quadrinhos, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05, setembro, 2002. Disponível em: http://intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP16CIRNE.pdf

FRESNAULT-DERUELLE, Pierre. *La bande dessinée: l'univers et les techniques de quelques 'comics' d'expression française*. Paris, Hachette, 1972.

GROENSTEEN, Thierry. *Système de la Bande Dessinée* PUF: Paris Universitaires de France 1999.



GUIRADO, Maria Cecília. **Busca e transcrição no processo de reportagem**. Trabalho apresentado ao NP 02 Jornalismo/ seção temática Jornalismo Impresso, do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro/RJ, 05-09, setembro, 2005. Disponível em:

<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17355/1/R1409-1.pdf>

LARA, Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo, Editora da USP, 1971.

LIMA, Edvaldo Pereira. **New Journalism: a reportagem como criação literária**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

MOORE, Alan. **Como escrever estórias em quadrinhos**. IN: The Comics Journal, v 119-121. Estados Unidos, 1988.

Tradução disponível em:

<http://www.esnips.com/doc/8576ff7b-9934-441c-9ee2-4ec4c3659597/Alan%20Moore%20-%20Como%20Escrever%20Est%F3rias%20em%20Quadrinhos>

_____. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo, M. Books, 2005.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.